

POEMA DE UMA ALMA

Numa região alcatifada de luminosas neblinas, o Anjo da Redenção recebia as almas que regressavam da Terra, mostrando-lhes nos firmamentos constelados os sóis que enchiam de melodia e luminosidade o abismo do Universo.

Um dos egressos do mundo terreno aproximou-se-lhe, exclamando em soluços:

— Anjo Salvador, venho da Terra como um naufrago desvalido!... Ouro e honrarias não me deram a paz ambicionada! Estou só com a minha consciência dilacerada; que fazer, ó mensageiro da redenção, para alcançar aqueles páramos radiosos de ventura que nos aponta a tua mão resplandecente?...

— Filho — replicou-lhe com bondade — a solidão em que te achas foi criada pelo teu egoísmo... aquelas mansões de alegria, onde entrevês a felicidade intraduzível, são conquistadas com o que se faz em bem dos outros...

Escuta-me! a terra ainda é a região dos resgates penosos; milhões de seres lá sofrem e choram, lutam e desfalecem. Volta a êsse mundo e prende-te às suas leis. Come do seu pão e sofre-lhe as iniquidades! Labora na grande oficina da abnegação e do sacrifício.

Lá encontrarás ciladas tentadoras, mas estarás em temporário olvido para que se valorize o teu esforço.

Não te esqueças de amar aos teus semelhantes com o esquecimento dos teus próprios interesses, e quando alcançares o absoluto desprendimento da matéria, terás o poder de criar as tuas próprias asas!... Conhecerás então as belezas universais e conhecerás as flôres sublimes dos páramos siderais quando se sabe plantar as sementes da renúncia no solo ingrato da Terra!...

A Alma então animada, resoluta, atirou-se ao círculo das reencarnações benfazejas.

Inúmeras vezes fracassou no caminho fácil das tentações. O Demônio da Sexualidade, a Ambição do Ouro, o Egoísmo da Posse, a Inquietação da Fama prenderam-na por muitos séculos de dor e de tormento.

Ia sòmente aos palácios da Morte para se banhar no pranto dos arrependimentos salvadores, retornando à luta com o firme propósito da vitória; até que um dia escolheu

um ambiente de lágrimas dolorosas para os seus combates. Sua infância foi uma longa tortura e tôda a sua vida um rosário de aflições e de angústias; viu o escárnio em lábios que estremecia, feriu-se nos espinhos da ingratidão e chorou na confiança traída.

Tudo, porém, suportou com serenidade espartana e com paciência evangélica. Sorriu aos trabalhos e dificuldades da sua existência, sacrificando-se penosamente!...

Todavia, uma hora chegou em que as privações lhe trouxeram o alvará da liberdade.

Adormeceu tranqüilamente nos braços misericordiosos da Morte e livre da reencarnação e da miséria despertou no santuário esplendoroso da Redenção onde um anjo divino lhe descerrou as portas da Imensidade; então a Alma liberta, entre lágrimas de reconhecimento e de júbilo, alou-se ao Infinito, em cujos jardins deslumbrantes foi colher a flor da sempiterna ventura.

Marta

(Recebida em Pedro Leopoldo a 6 de dezembro de 1934)

DOIS SONETOS DE HERMES FONTES

DESCONFÔRTO

*Não me bastou, Senhor, velar atento
A misteriosa luz com que, à procura
De um luminoso céu em miniatura,
Vivi sonhando em meu deslumbramento!*

*Dentro do meu ideal supus, que, isento
De tôda a dor, de tôda a mágoa obscura,
Alcançasse o castelo da Ventura
Na glorificação do Pensamento.*

*Mas, ai de mim! meu barco pequenino
Perdeu-se em meio à tórva tempestade
Sem divisar a luz de qualquer porto;*

*E as minhas esperanças de menino
E os anelos de amor e mocidade
Naufragaram no grande desconforto.*

SONHO INÚTIL

*Em minha juventude estive à espera
De um malogrado sonho superior.
Esperança divina que eu quisera
Ver aureolada por um grande amor!*

*Mas não pude esperar quanto devera
Nos carreiros aspérrimos da dor,
Sem fé, que era aos meus olhos a quimera
Do pensamento mistificador.*

*Meu êrro foi descrer, porque, deserto
O coração, sòmente acreditei
Na Morte, o grande abismo, o nada incerto!...*

*Oh! o maior dos enganos perpetrados!
Pois no meu sonho altíssimo de rei
Achei a dor dos grandes condenados!*

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 22 de maio de 1935)

MORTE

*Longe do sentimento limitado
Da matéria em seus átomos finitos,
No limite de um mundo ignorado
Celebra a morte seus estranhos ritos.*

*Hinos e vozes, lágrimas e gritos
Do espírito que outrora encarcerado,
Contempla a luz dos orbes infinitos,
Bendizando a amargura do Passado!*

*Ó Morte, a tua espada luminosa,
Formada de uma luz maravilhosa
É invencível em tôdas as pelejas!...*

*Ês no Universo estranha Divindade.
Ó operária divina da Verdade,
Bendita sejas tu! Bendita sejas!...*

Cruz e Sousa

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo a 21 de julho de 1935)

EXORTAÇÃO AOS ESPÍRITAS

*Uni-vos sob a paz, uni-vos sob a crença,
Ó argonautas do ideal, arautos da esperança!...
Que se realize agora o sonho da bonança!...
Como os pães do Senhor que a fé se espalhe e vença.*

*Não temais combater, que o Mestre vos conduz
Com o sol espiritual que envolve o mundo inteiro;
Sêde na terra verde e augusta do Cruzeiro
Os soldados do Amor, seareiros de Jesus!*

A. Guerra Junqueiro

(Versos recebidos em Belo Horizonte a 21 de julho de 1935)

UMA PALAVRA À IGREJA

*A Igreja antigamente era uma luz dourada
Que enchia os corações de paz e de esplendor,
Sublime manancial, fonte viva do amor,
Jorrando sob o sol de mística alvorada.*

*A palavra da fé caía como um luar
De esperança divina, esplendorosa e doce,
Sôbre as dores cruéis, mas tudo transformou-se
Quando Pantagruel apareceu no altar.*

*Então, desde êsse dia, as dúlcidas lições
Do exemplo de Jesus, o meigo Nazareno,
Sumiram-se no horror do lamaçal terreno,
No multissecular mercado de orações.*